Vilém Flusser
Ed Sommer: Fugues

Introduction : La version allemande de cet essai commence par des jeux de mots sur le ¬mot allemand « Fuge » (fugue), et par l'exemple de l'utilisation de ce mot par Heidegger dans son essai sur Anaximandre . Dans la lignée de ce jeu de mots, Sommer photographie les « fugues de la réalité » : il montre comment on la fuit, comment on la compose en une série de formes, comment elle rend fou, comment on la divise, et que, si l'on le fait, on ne la trahit pas. Ainsi, ses photos peuvent être considérées comme des illustrations de l'ontologie contemporaine.

Le visage et les fesses ont ceci de commun qu'ils ne peuvent être vus par leur porteur qu'indirectement (par exemple dans un miroir). Mais contrairement aux fesses, le visage est exposé en public. Il n'appartient pas à l'intime, il est l'aspect politique du corps. Il doit être vu non pas par soi-même mais par les autres. Cet exhibitionnisme (qui est préprogrammé de façon organique) justifie dans une certaine mesure que je prenne une image de mon propre visage comme sujet de discussion : ce n'est pas á moi qu'elle « appartient », mais aux autres.

Sommer m'a photographié trois fois pour faire cette photo. La première fois, il a suivi la méthode traditionnelle, la deuxième fois il a projeté la première image sur moi, et la troisième fois il a projeté les deux images précédentes. La série de chevauchements et de distorsions qui apparaissent dans l'image est donc exactement la scène qu'a perçue « objectivement » l'appareil photo lors de la troisième prise. D'un point de vue « objectif », la photographie discutée ici est une véritable reproduction d'un contexte perçu, qui est le type de contexte que les empiristes et les positivistes prennent comme point de départ. Ce contexte n'a aucunement été manipulé par Sommer : ni sur le négatif ni sur le positif des photos : c'est une photographie documentaire honnête.

Le contexte est un croisement de divers points de vue spatialement et temporellement distincts (des perspectives). Selon l'analyse phénoménologique, cela est vrai quel que soit le contexte: tous sont des croisements d'« intentions ». Néanmoins, la photo ne ressemble pas à une image d'un contexte selon les attentes positivistes (« réalistiques » au sens moderne). On peut observer ici divers niveaux distincts de réalité, et ces niveaux peuvent être mesurés selon leur degré de réalité. Le visage en bas à gauche est plus « réel » que les deux autres visages, et différents degrés de réalité peuvent être attribués aux différentes ombres. Curieusement, on peut en dire autant des formes blanches et noires dans l'image (des coutures dans la réalité) : même elles sont plus ou moins réelles. Observez la forme noire inférieure : elle montre le spectre d'une épaule. Platon se trompe

s'il pense que nous voyons « seulement » des ombres : ce qui compte, c'est le degré de réalité de ces ombres.

Les différents niveaux de réalité (ou d'irréalité) ne sont pas aléatoires, mais ils ont été ordonnés selon des critères esthétiques (logiques-mathématiques et empiriquement délibérés). Les spots et projecteurs installés par Sommer autour de l'appareil photo ont été manipulés de manière à produire cette image et pas une autre. Ce qui implique que c'est l'image elle-même (et non pas ce qu'elle montre) qui est la réalité au vrai sens du terme. Les différents niveaux de réalité tels qu'ils apparaissent dans l'image ne sont rien d'autre que des virtualités qui se sont concrétisées à l'intérieur de l'image. Il en va de même pour moi et pour Sommer : nous ne sommes que des virtualités à concrétiser dans l'image. La photo montre ce que le mot « réalité » signifie en fait : un contexte dans lequel des virtualités de divers degrés de réalité deviennent réelles de par un calcul délibéré. Et de plus, la photo montre que si l'on tente d'éradiquer les paramètres esthétiques, épistémologiques et politiques d'un contexte réel, on risque de perdre la réalité de ce contexte.

Des images comme celle que nous venons de discuter devraient être examinées par les physiciens nucléaires lorsqu'ils discutent du degré de réalité d'une trace laissée par une particule dans une chambre de Wilson . Et il n'y a pas que les physiciens nucléaires qui devraient envisager de telles images : nous devrions tous le faire. Parce que nous avons tous du mal à trouver notre chemin dans l'image que la science moderne nous propose. Cette image ressemble beaucoup à celle discutée ici, bien qu'elle soit encore plus complexe : il y a davantage de points de vue qui s'y croisent, et ils sont ordonnés selon des critères logico-mathématiques plus nombreux que dans le cas présenté ici.

Traduction depuis l'anglais par Marc Lenot

Vilém Flusser
Ed Sommer: Fugas

Introdução: A versão alemã deste ensaio começa com trocadilhos com palavra alemã "Fuge" (fuga), e com o exemplo do uso dessa palavra por Heidegger em seu ensaio sobre Anaximandro . Em linha com esse trocadilho, Sommer fotografa as "fugas da realidade": ele mostra como fugimos dela, como a compomos em uma série de formas, como ela nos enlouquece, como a dividimos, e como ao fazer isso, não a traímos. Assim, suas fotos podem ser consideradas ilustrações da ontologia contemporânea.

O rosto e as nádegas têm isso em comum: só podem ser vistos indiretamente por quem os usa (por exemplo, em um espelho). Mas, diferentemente das nádegas, o rosto fica exposto em público. Não pertence ao íntimo, é o aspecto político do corpo. Deve ser visto não por si mesmo, mas pelos outros. Esse exibicionismo (que é organicamente pré-programado) justifica, até certo ponto, que eu tome uma imagem do meu próprio rosto como tema de discussão: ela não "pertence" a mim, mas aos outros.

Sommer me fotografou três vezes para tirar essa foto. Na primeira vez ele seguiu o método tradicional, na segunda projetou a primeira imagem em mim, e na terceira projetou as duas imagens anteriores. A série de sobreposições e distorções que aparecem na imagem é, portanto, exatamente a cena que a câmera percebeu "objetivamente" durante a terceira cena. Do ponto de vista "objetivo", a fotografia discutida aqui é uma reprodução verdadeira de um contexto percebido, que é o tipo de contexto que empiristas e positivistas tomam como ponto de partida. Esse contexto não foi de forma alguma manipulado por Sommer: nem no negativo nem no positivo das fotos: é uma fotografia documental honesta.

Contexto é uma sobreposição de vários pontos de vista (perspectivas) espaciais e temporais distintos. De acordo com a análise fenomenológica, isso é verdadeiro independentemente do contexto: todos são cruzamentos de "intenções". No entanto, a foto não se assemelha a uma imagem de um contexto segundo as expectativas positivistas ("realistas" no sentido moderno). Vários níveis distintos de realidade podem ser observados aqui, e esses níveis podem ser medidos de acordo com seu grau de realidade. O rosto no canto inferior esquerdo é mais "real" do que os outros dois rostos, e diferentes graus de realidade podem ser atribuídos às diferentes sombras. Curiosamente, o mesmo pode ser dito das formas brancas e pretas na imagem (costuras na realidade): até elas são mais ou menos reais. Olhe para o formato preto inferior: ele mostra o espectro de um ombro. Platão está enganado se pensa que vemos "apenas" sombras: o que importa é o grau de realidade dessas sombras.

Os diferentes níveis de realidade (ou irrealidade) não são aleatórios, mas foram ordenados de acordo com critérios estéticos (lógico-matemáticos e empiricamente deliberados). Os holofotes e projetores instalados por Sommer ao redor da câmera foram manipulados de forma a produzir essa imagem e não uma outra. Isso implica que é a imagem em si (e não o que ela mostra) que é a realidade no verdadeiro sentido do termo. Os diferentes níveis de realidade como aparecem na imagem não passam de virtualidades que se materializaram dentro da imagem. O mesmo vale para mim e para Sommer: somos apenas virtualidades a serem concretizadas na imagem. A foto mostra o que a palavra "realidade" realmente significa: um contexto em que potencialidades de diferentes graus de realidade se tornam reais por meio de cálculos deliberados. Além disso, a foto mostra que, se tentarmos erradicar os parâmetros estéticos, epistemológicos e políticos de um contexto real, corremos o risco de perder a realidade desse contexto.

Imagens como a que acabamos de discutir devem ser examinadas por físicos nucleares ao discutir o grau de realidade de um traço deixado por uma partícula em uma câmara de Wilson . E não são apenas os físicos nucleares que deveriam considerar essas imagens: todos nós deveríamos fazer isso. Porque todos nós temos dificuldade em encontrar nosso caminho na imagem que a ciência moderna nos oferece. Essa imagem é muito semelhante à discutida aqui, embora ainda mais complexa: há mais pontos de vista que se cruzam nela, e eles são ordenados segundo critérios mais lógico-matemáticos do que no caso apresentado aqui.

Tradução do inglês por Marc Lenot, revisado por Victor Gueuer